

## Prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: o que ainda precisamos discutir?

Practice of linguistic/semiotic analysis in Portuguese language classes:  
what do we still need to discuss?

**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Rodrigo Acosta Pereira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** No campo da Linguística Aplicada, em especial nos últimos 10 anos, tem ascendido um conjunto de pesquisas voltadas ao que se denominou, a partir de Geraldi (1984), 'prática de análise linguística'. Tais pesquisas têm buscado, dentre vários outros objetivos, delinear caminhos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos em torno do trabalho com conhecimentos linguísticos nas aulas de Língua Portuguesa (LP) em contexto da Educação Básica (EB). Após a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC - BRASIL, 2018), acrescenta-se ao termo 'prática de análise linguística', a palavra 'semiótica'. Sob esse panorama, nosso objetivo neste artigo é apresentar um debate, teórico-metodologicamente amparado, sobre o que é (ou que deveria ser) a 'prática de análise linguística/semiótica' (PAL/S) no contexto da aula de LP na EB. Longe de um viés modelizador ou prescritivo, visamos delinear um debate em torno de elementos caracterizadores, com o intuito de 'abrirmo-nos ao diálogo' em busca de contrapalavras acerca do trabalho com a PAL/S no Brasil. Nosso artigo é essencialmente teórico-metodológico, à luz da revisão bibliográfica e documental, porém com o propósito explícito de responder (em termos bakhtinianos) a diferentes (re)apropriações e contradições em torno do trabalho com a PAL/S na aula de LP.

**Palavras-chave:** Prática de análise linguística/semiótica; Aula de língua portuguesa; Escola de educação básica

**Abstract:** In the field of Applied Linguistics, especially in the last 10 years, there has been a series of researches focused on what has been called, after Geraldi (1984), 'linguistic analysis practice'. Such researches have sought, among several other objectives, to outline theoretical-methodological and didactic-pedagogical paths around the

work with linguistic knowledge in Portuguese Language (LP) classes in the context of Basic Education (EB). After the publication of the BNCC (BRASIL, 2018), the term 'linguistic analysis practice' is added to the word 'semiotics'. From this perspective, our objective in this article is to present a theoretical-methodologically supported debate about what is (or should be) the 'practice of linguistic/semiotic analysis' (PAL/S) in the context of the LP class at EB. Far from a modeling or prescriptive bias, we aim to outline a debate around characterizing elements, with the aim of 'opening up to dialogue' in search of counterwords about the work with PAL/S in Brazil. Our article is essentially theoretical-methodological, considering the bibliographical and documental review, but with the explicit purpose of making it possible to be a response (in Bakhtinian terms) to different (re)appropriations and contradictions surrounding working with PAL/S in the LP class.

**Keywords:** Practice of linguistic/semiotic analysis; Portuguese language class; Basic education school

## Introdução

Diversos têm sido os debates atuais sobre o trabalho com a linguagem<sup>1</sup> na aula de Língua Portuguesa (LP) em contexto da escola de Educação Básica (EB). Essas discussões têm se associado a domínios teórico-metodológicos plurais, seja sob panoramas cognitivos, formais, seja sob abordagens sócio-históricas e políticas. Ademais, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - BRASIL, 1998) e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC - BRASIL, 2018), orientações sobre o trabalho com as práticas de linguagem têm tomado lugar ora nas diretrizes e propostas curriculares municipais e estaduais, ora nas orientações para a publicação de livros didáticos no Brasil.

Sob o panorama das práticas de linguagem na aula de LP na escola de EB (RODRIGUES, ACOSTA PEREIRA, 2021; ACOSTA PEREIRA, COSTA-HUBES, 2021a; 2021b), temos como objetivo, neste artigo, apresentar uma discussão teórico-metodológica sobre a prática de análise linguística/semiótica (PAL/S)<sup>2</sup> nas aulas de LP, como uma prática de linguagem engendrada ao/no trabalho com as práticas de leitura, oralidade e produção de textos, visando à ampliação dessas práticas, pelo estudante, nas mais variadas situações de interação social, sob o matiz das plurais e diversificadas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2003 [1979]).

Para tanto, revisitamos as pesquisas fundantes sobre PAL/S (GERALDI, 1984, 1991, 1996, 2010; FRANCHI, 1987), estudos contemporâneos (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021b) e documentos político-educacionais do Brasil (BRASIL, 1998; 2018). Não objetivamos propor encaminhamentos didático-pedagógicos, assim como não apresentamos propostas de elaboração didática<sup>3</sup>, mas, de forma específica, delineamos/iniciamos/propomos um debate em torno de (des)encontros sobre a PAL/S como prática de linguagem na aula de LP na escola de EB brasileira.

1 Diferentemente de uma posição modernista de ciência, não faremos distinção entre os termos *língua* e *linguagem*, utilizando-os de forma indiscriminada no texto.

2 Embora o termo "semiótica" tenha sido acrescentado à expressão "análise linguística" a partir da BNCC (BRASIL, 2018), neste texto, empregaremos "Prática de Análise Linguística/Semiótica" (PAL/S) sempre que nos referirmos a essa prática, independente do momento histórico em que esteja situada.

3 Ver as discussões propostas na 4ª parte do livro *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa* (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021).

Nosso artigo se organiza em três seções, além da introdução e das considerações finais. Todas as seções se caracterizam essencialmente teórico-metodológicas à luz da ausculta de vozes outras que se entretecem e ressoam nos debates atuais sobre PAL/S na escola de EB. Ao fim, cabe explicarmos que, dentre várias posturas epistemológicas, respondemos axiologicamente aos Estudos Dialógicos da Linguagem, que dentre outras questões, compreendem a linguagem sob as lentes sociais, históricas e culturais, ou seja, a linguagem como ideológico-valorativa por natureza (BAKHTIN, 2003 [1979]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928], VOLOCHÍNOV, 2017 [1929-1930]).

## Por que ainda precisamos falar sobre PAL/S?

Mesmo que a PAL – compreendida com atividade pedagógica reflexiva articulada às práticas de produção e de leitura de textos nas aulas de LP – tenha sido anunciada por Geraldi na década de 1980 (GERALDI, 1984)<sup>4</sup>, entendemos que ainda se faz necessário falar/refletir sobre essa proposta. Assim, propomo-nos, nesta seção, a apresentarmos algumas justificativas (e/ou argumentos) para respaldar esta necessidade

Partimos da premissa de que, embora a PAL/S esteja sendo estudada/discutida há mais de quatro décadas, ainda há *(in)compreensões diversas que perpassam tanto a formação inicial docente como a ação didático-pedagógica em aulas de LP*. Conforme Rodrigues (2021), todo enunciado, ao entrar na corrente da comunicação discursiva, entretete-se com outras vozes que “provocam deslocamentos e reacentuações dos projetos de dizer e objetos do dizer com os quais dialogam” (RODRIGUES, 2021, p. 85). Essas ressignificações, conseqüentemente, geraram (e continuam gerando) diferentes interpretações que ora se aproximam e ora se distanciam de sua proposta inicial.

Todavia, antes de apresentarmos algumas reinterpretções, recuperamos brevemente a proposta germinal de Geraldi (1984a) que, no contexto de ensino de LP da década de 1980, surge para contrapor um ensino de língua centrado na tradição gramatical, em favor de um trabalho pautado nos usos efetivos da linguagem em contextos reais. Em outras palavras, o que o autor propôs, naquele momento, foi o deslocamento “de um ensino sobre a língua para as práticas de linguagem” (GERALDI, 2014, p. 211).

Com base nesse princípio, a PAL/S emerge da necessidade de provocar no aluno – sujeito capaz de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas – reflexões efetivas sobre o modo de falar, de escrever, de interagir socialmente, a fim de que os enunciados sejam organizados conscientemente para atender a objetivos específicos. O autor entende que esse propósito jamais será atendido se nas aulas de LP o/a professora/a continuar insistindo em um ensino focado apenas em aspectos formais da língua, ao explorar questões de ordem metalinguística voltadas para classificação, identificação, análises frasais, etc. Conforme Geraldi (1984b): “[...] é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento

4 É de consenso nas esferas acadêmica e escolar que a PAL foi proposta, inicialmente, pelo professor e pesquisador João Wanderley Geraldi em capítulos que assina na obra *O texto na sala de aula: leitura & produção* (GERALDI, 1984), publicada inicialmente em 1984. Anos mais tarde, é retomada e ampliada no livro *Portos de Passagem* (GERALDI, 1991).

em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças” (GERALDI, 1984b, p. 44).

A PAL/S tal como anunciada por Geraldi (1984a, 1984b) objetiva potencializar o aluno para agenciar recursos da linguagem de modo que, ao produzir seus textos-enunciados<sup>5</sup>, atendam à necessidade de interação estabelecida. Tratar a produção de textos dessa forma implica “[...] tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala” (GERALDI, 1991, p. 165).

Para além produção textual, Geraldi (1991) defende, ainda, que a PAL/S pode ser conduzida em atividade de leitura, compreendida pelo autor como o lugar do encontro e do diálogo entre autor e leitor. Todavia, é preciso criar condições para que o aluno reflita sobre as escolhas linguístico-discursivas feitas pelo autor, produza sentidos a partir do que foi dito e manifeste sua contrapalavra. Nesse caso, a PAL/S propicia que “O leitor trabalhe para reconstruir esse dito baseado também no que disse e em suas próprias contrapalavras. (GERALDI, 1991, p. 167).

Com base nessas compreensões teórico-metodológicas, a PAL/S organiza-se como uma prática de reflexão que envolve os usos da linguagem e articula-se à prática de leitura e à prática de produção de texto (oral, escrito e/ou multisemiótico), abarcando três ações *com*, *sobre* e *da* linguagem: atividade linguística, atividade epilinguística e atividade metalinguística, respectivamente. A atividade linguística, segundo Geraldi (1991), diz respeito às ações que desenvolvemos *com* a linguagem ao produzirmos um texto-enunciado; a atividade epilinguística é desenvolvida sempre que retomamos uma atividade linguística (ou um texto-enunciado) e refletimos *sobre* os usos da linguagem na organização do texto; e a atividade metalinguística promove uma reflexão analítica sobre os recursos empregados, possibilitando sua categorização/teorização ao falar *da* língua, de seu funcionamento, de suas configurações textuais.

Porém, como o ensino de LP é cronotópico assim como a linguagem; e como toda prática sustenta-se em abordagem(ns) teórico-metodológica(s), *a proposta de PAL foi (e ainda continua sendo) reacentuada pelos sujeitos que, ao referir-se/retomar/falar sobre/trabalhar com essa prática, expressam valorações as quais (re)direcionam as ações didático-pedagógicas e geram (re)apropriações e contradições em torno de seu trabalho na aula de LP.*

Rodrigues (2021), a partir de estudos efetuados sobre o tema, elenca algumas reinterpretções da proposta de Geraldi (1984a, 1984b, 1991): a) ‘gramática aplicada aos textos’ – nessa compreensão, segundo a autora, ecoam vozes do discurso da tradição que insiste em manter a gramática como elemento articulador do ensino de língua, mas procura estabelecer um diálogo com outros discursos que defendem a importância do texto nas aulas de LP; b) ‘nova expressão/nome para os mesmos conteúdos’ – há, nesse caso, conforme Rodrigues (2021, p. 89), a incorporação do termo “Análise Linguística” em materiais didáticos, porém, as alterações ocorrem “no sentido de muitas vezes adequar o velho ao novo, reinterpretando o conceito de PAL”, prevalecendo, todavia, “o reconhecimento, nomeação, definição, classificação de categorias

5 O que chamamos de texto-enunciado, conforme Acosta Pereira (2014; 2016), comporta uma concepção de texto que se constitui em compartilhar as feições da enunciação, ou seja, texto compreendido *na* e *para* a interação.

gramaticais; c) ‘Análise linguística restrita à língua’ – essa reinterpretação centraliza a PAL/S no estudo da estrutura linguística, situa-a restritamente à gramática da língua e “não reconhece a potencialidade do conceito para a leitura literária” (RODRIGUES, 2021, p. 89); d) ‘Análise linguística/semiótica’ – trata-se da reinterpretação apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) que, nas palavras de Rodrigues (2021, p. 97), ao incorporar ao termo a palavra “semiótica”, o documento procura “abarcara a reflexão sobre as outras modalidades semióticas”, como se a língua, por si só, já não fosse uma modalidade semiótica; e) ‘PAL/S de base dialógica’ – essa abordagem situa-se nas proposições de Geraldí (1984a; 1984b; 1991) e apoia-se nos escritos de Bakhtin e o Círculo, incorporando conceitos como *discurso*, *cronotopo*, *gêneros do discurso*, *enunciado*, *ideologia*, *valorização*, entre outros, por compreender que a PAL/S deve extrapolar os limites do texto-enunciado e considerar, na análise, todo o contexto que o constitui. Trata-se do termo ao qual nos filiamos e que foi empregado recentemente em pesquisas como a de Santos-Clerisi (2017), Fenilli (2020), e em outras publicações de autores como Acosta-Pereira (2013, 2016, 2018), Costa-Hübes (2017), Acosta-Pereira e Pinto (2018), Acosta Pereira e Santos-Clerisi (2020), Lunardelli (2021), Acosta Pereira e Costa-Hübes (2021b, 2021c), Kraemer e Costa-Hübes (2021), entre outros<sup>6</sup>, os quais, filiados à concepção dialógica de linguagem (CDL), apresentam ressignificações da proposta geraldiana, defendendo uma PAL/S necessariamente mediada pelos gêneros discursivos.

Outra justificativa para ainda falarmos sobre a PAL/S sustenta-se no argumento de que esta proposta é rejeitada entre muitos docentes de LP que respaldam sua opção teórico-metodológica no seguinte posicionamento: *para ser aprovado em LP em concursos públicos, incluindo o vestibular, o aluno precisa saber gramática*. Este é a posição de quem apresenta uma visão psicologizante ou objetiva da língua (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929-1930]). Dentro da compreensão subjetiva de linguagem, entende-se que é preciso ensinar padrões morfossintáticos de uma língua ideal aos alunos, tratados, nessa abordagem, como indivíduos psico-suficientes, capazes de falar e escrever conforme os padrões estabelecidos pela gramática normativa. Esta premissa, de acordo com o próprio Volóchinov (2017 [1929-1930]), deriva não apenas da visão psicologizante, mas também do método positivista que respalda, de certo modo, a compreensão de que a estrutura gramatical ensinada interfere nas ações do sujeito como, por exemplo, no resultado do vestibular, já que, nessa concepção, a linguagem representa a individualidade da consciência de cada um de seus usuários. Na mesma onda positivista, insere-se o objetivismo abstrato ou a corrente estruturalista dos estudos da linguagem. Alicerçado por esse arcabouço teórico, compreende-se a língua como um sistema de signos linguísticos que deve ser aprendido pelo aluno, pois sua performance como usuário de uma língua depende unicamente de seu conhecimento acerca dos aspectos formais desta língua. Logo, se não estudar/aprender a identificar e categorizar a estrutura da língua, não será jamais aprovado em um concurso público.

6 Há outras pesquisas sobre a PAL/S também subsidiadas pela concepção dialógica de linguagem e que, embora apresentem outro complemento para a expressão PAL, compartilham da mesma aceção teórico-metodológica. Citemos algumas: *Análise Linguística de estatuto dialógico* (POLATO, 2017), *Análise Linguística dialógica* (POLATO; MENEGASSI, 2018), *Análise Linguística de/em perspectiva dialógica* (POLATO; MENEGASSI, 2021; OHUSCHI; MENEGASSI, 2021).

Para Britto (1997), este argumento é construído com base em três formadores de opinião que atuam diretamente sobre o senso comum escolar, conduzindo as ações didáticas: a mídia, o livro didático e os vestibulares. Seganfredo (2006) acrescenta a essa relação todos os concursos públicos, pois entende que estes constituem-se agentes do normativismo. A lógica gramatical que inibe qualquer tentativa de compreensão e/ou trabalho com a PAL/S em aulas de LP, além de incorporar preceitos filosófico-linguísticos de correntes subjetivista e objetivistas da linguagem, é consequência de uma política estigmatizante e difusa, que se manifesta de forma sutil na/para a escola, na tentativa de impor uma norma padrão para o uso da língua, em consequência do negacionismo das variedades linguísticas e/ou de outras possibilidades de uso e reflexão da linguagem.

Na contramão dessa compreensão, entendemos que falar/escrever/refletir sobre a PAL/S no ensino de LP ainda é pertinente, e respaldamos este argumento nas ideias de Bakhtin e o Círculo para quem a linguagem, em sua concretude, deve ser reconhecida como um fenômeno vivo, social e ideológico, uma vez que os textos-enunciados sempre trazem, também, apreciações valorativas sobre o objeto de que tratam. Logo, “o linguístico é apenas um meio” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 313) para compreendermos as valorações que nos são apresentadas pela linguagem. Medviédev (2012[1928]), por sua vez, entende que cada discurso, materializado em enunciados, apresenta uma avaliação social de quem o organizou. A presença material da palavra vem carregada de conteúdo ideológico e valorativo. Por isso, não basta olhar para as palavras de um texto e categorizá-las/classificá-las/descrevê-las gramaticalmente; precisamos refletir sobre seu horizonte apreciativo e cronotópico, o que é possível por meio da PAL/S.

Outro fator que justifica insistirmos no discurso sobre a PAL/S é o fato de *muitos cursos de licenciatura em Letras no Brasil ainda não terem incorporado em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e/ou Planos de Ensino a PAL/S como um dos eixos de reflexão*, assim como o fazem especialmente com a leitura e com a produção de textos. Pesquisas como a de Doreto (2014), Rohling e Remenche (2015), Souza (2018), Rosa (2019), Acosta Pereira e Raupp (2022) dentre outras, indicam que o trabalho/ensino com a/da PAL/S é tangenciado durante o curso, uma vez que se prioriza conteúdos gramaticais com foco na metalinguagem. Em decorrência disso, Rohling e Remenche (2015) constata uma grande dificuldade, por parte dos licenciandos, em desenvolver/elaborar atividades de PAL/S. Segundo as autoras, nas tentativas apresentadas, há uma recorrência “em retomar práticas de ensino tradicionais de gramática com foco em metalinguagem”. (ROHLING e REMENCHE, 2015, p. 833).

Rosa (2019), em uma pesquisa documental, analisa o PPP, Planos de Ensino e Relatórios de Estágio de um Curso de Licenciatura em Letras para refletir sobre a relação teoria e prática para o trabalho com a produção textual e PAL/S na formação inicial de docentes. A análise dos documentos foi confirmada em entrevistas com licenciandos do último ano do curso, ao afirmarem que “há um desligamento entre tudo, leitura, escrita, análise linguística, literatura etc. Todas as disciplinas são individualizadas e não se faz relação uma com a outra. [...] fala-se em *fazer análise linguística, mas ninguém mostra como faz, só fica na teoria*” (ROSA, 2019, p. 227, grifos do autor).

Acosta Pereira e Raupp (2022), ao olharem para Ementas de disciplinas de cursos de licenciatura em Letras de sete universidades públicas, procuram analisar e refletir sobre o espaço atribuído à PAL/S na formação inicial do professor de LP nessas instituições públicas. Do total de 381 ementas analisadas, apenas em 27 delas houve menção à PAL/S relacionada ao ensino, às práticas de linguagem e à elaboração de material didático; aos gêneros discursivos; à gramática; e a outro campo do conhecimento. Diante da quantidade de ementas analisadas, segundo os pesquisadores, “Os resultados evidenciam a necessidade de insistirmos na reflexão continuada sobre a importância de práticas de linguagem que incluam a análise linguística (BRASIL, 1998) e a análise linguística/semiótica (BNCC, 2018) no âmbito da formação docente inicial” (ACOSTA PEREIRA; RAUPP, 2022).

Justificamos, ainda, a nossa insistência em continuar falando sobre a PAL/S no fato de que, embora esse tema esteja sendo estudado/debatido desde a década de 1980, no meio acadêmico, *há poucas pesquisas voltadas à PAL/S*. Em um estudo cartográfico realizado por Acosta Pereira e Santos-Clerisi (2020), os autores levantam dados sobre produções acadêmico-científicas que abordam o tema “Prática de Análise Linguística de base dialógica”, compreendendo-a a partir dos preceitos de Geraldi e dos escritos de Bakhtin e o Círculo. O levantamento considerou, como recorte temporal, os estudos desenvolvidos a partir do ano de 1990. Os resultados revelaram que, sob esse matiz teórico-metodológico, apenas 10 artigos foram publicados, 51 dissertações produzidas e 2 teses desenvolvidas, grande parte a partir de 2015. Esses dados confirmam a necessidade de continuarmos falando sobre a PAL/S, uma vez que o tema não foi ainda suficientemente debatido. Nas palavras dos autores, “esse número significa ainda muito pouco no panorama geral brasileiro de publicações acadêmico-científicas, mesmo na área da Linguística Aplicada, especificamente”. (ACOSTA PEREIRA; SANTOS-CLARESI, 2020, p. 167).

Poderíamos estender nossos argumentos, apresentando outras justificativas para continuarmos discutindo/escrevendo/falando sobre a PAL/S dentro do cronotopo vigente. Todavia, não é nosso propósito esgotar essa discussão, mas objetivamos, nessa seção, refletir sobre as seguintes justificativas: i) (in)compreensões diversas que perpassam tanto a formação inicial docente como a ação didático-pedagógica em aulas de LP – recuperando, antes de tudo, a compreensão de PAL/S que embasa nossa reflexão para depois apresentar outras reinterpretações; ii) a constatação de que a PAL/S é rejeitada entre muitos docentes de LP que respaldam sua opção teórico-metodológica no seguinte posicionamento: *para ser aprovado em LP em concursos públicos, incluindo o vestibular, o aluno precisa saber gramática*, consequentemente, centraliza o ensino de LP na gramática normativa; iii) o fato de muitos cursos de licenciatura em Letras no Brasil ainda não terem incorporado em seu PPP e/ou Planos de Ensino a PAL/S como um dos eixos de reflexão sobre a linguagem, o que resulta em incompreensões docentes sobre essa prática; iv) há poucas pesquisas voltadas para a PAL/S, embora o tema esteja em discussão há mais de quatro décadas.

Depois de apresentarmos nossas justificativas para continuar falando/escrevendo/refletindo sobre a PAL/S, é nosso intento, na próxima seção, discutir sobre o que a PAL/S é (ou deveria ser) em contexto da sala de aula de LP na escola de EB.

## O que a PAL/S é ou (não) deveria ser?

Inicialmente, precisamos ratificar que a *PAL/S é uma prática de linguagem*. Em outras palavras, é uma atividade que realizamos com/pela/sobre/na linguagem. É o uso social da língua em contextos múltiplos e variados, em respostas às demandas e às implicações histórico-culturais e ideológico-valorativas da própria situação de interação e da esfera da atividade humana na qual se engendra, por meio de práticas de uso linguístico na/com/para a leitura, oralidade e produção de textos, usos estes sob as feições das mais diferentes manifestações semióticas (práticas multissemiótica). Com isso, ao abordarmos a PAL/S, estamos, de fato, contemplando uma prática de linguagem, integrada às outras (leitura, oralidade, produção de textos), na aula de LP, compreendendo-as como práticas que se articulam ao modo como os sujeitos, em situações de interação social, se utilizam da linguagem em seus projetos de dizer. Em síntese, PAL/S como prática de linguagem implica reconhecermos que (i) é uma atividade de linguagem; (ii) é uma prática que se integra a outras e só faz sentido nessa integração; (iii) é uma prática de linguagem socialmente amparada.

Ademais, por consequência, a *PAL/S é uma prática de ensino e de aprendizagem e não uma teoria*. Geraldi (1984a; 1991) esclarece que o trabalho com a linguagem na aula de LP deveria ser ancorado nas unidades básicas de ensino (leitura, produção de textos e análise linguística)<sup>7</sup>. Com isso, compreendemos que a PAL/S como prática de linguagem (discussão anterior) se arquiteta como uma prática de ensino e de aprendizagem, isto é, como uma unidade básica de ensino, em termos de Geraldi (1984a). Sob esse panorama, a PAL/S passa a assumir-se como uma atividade didático-pedagógica. Essa prática didático-pedagógica responde ideológico-valorativamente a uma abordagem teórico-metodológica específica e escolhida pelo professor, que orienta o trabalho docente em aula. Contudo cabe reiterar que a PAL/S só se sustenta quando axiologicamente referenciada por panoramas epistemológicos que advogam a favor da linguagem como prática social, cuja concepção de linguagem é ancorada sob o matiz das situações de interação social. Quaisquer outras abordagens desmantelam a orientação fundacional da PAL/S como uma prática de reflexão sobre os usos sociais linguísticos. Essas questões demandam que o professor entenda que a PAL/S (i) é uma atividade didático-pedagógica, orientadora para a elaboração didática (HALTÉ, 2008[1998]); (ii) é unidade básica de ensino que se integra e se articula às outras unidades (leitura, produção de textos e oralidade); (iii) é uma prática de linguagem que baliza as atividades de ensinar e de aprender a língua.

Na continuidade de nossas postulações, reafirmamos que *a PAL é estudar a língua na vida: como o aluno mobiliza elementos da língua para realizar seu projeto de dizer*. Estudar a língua na vida é estudá-la como discurso. Bakhtin (2008 [1963]) explica que discurso é a língua viva, a língua nas interações. Além disso, todo discurso se materializa em enunciados (BAKHTIN, 2003 [1979]), o que nos faz assumir o enunciado como unidade de trabalho/de análise da PAL/S. Todo enunciado, como explica Bakhtin (2003 [1979]) se constitui pela alternância de sujeitos que se engajam em situações interlocutivas, pela expressividade, posto que todo enunciado traz um índice social de

<sup>7</sup> Nesta discussão, Geraldi (1984) ainda não aborda a oralidade.



valor e pela conclusibilidade, isto é, pelo projeto de dizer, pelo conteúdo semântico-objetual desse dizer e pela forma típica desse dizer, os gêneros do discurso. É sob esse escopo que advogamos a favor da PAL/S integrada/articulada/balizada pelos gêneros do discurso (ACOSTA PEREIRA, 2011; 2013; 2014; 2016; 2018). Essa postura dialógica implica entender que a PAL/S (i) é uma prática de trabalho com a língua viva; (ii) é uma prática de trabalho com a língua engendrada nas interações sociais; (iii) a PAL/S, de base dialógica, trabalha com enunciados como unidades discursivas da comunicação, quando tipificados, se (re)elaboram na forma social de gêneros do discurso.

Sob o panorama acima, a *PAL/S é estudar o funcionamento da língua e não sua imanência*. Cabe reafirmar que a PAL/S não é um estudo gramatical *strict sensu*. Estudam-se os recursos da língua sob uma orientação sociológica e não cristalizada em seu sistema ou como uma construção subjetivo-mental. Diferentemente de uma visão objetivista ou psicologizante da língua (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929-1930]), o estudo da língua se dá a partir de seus usos sociais, o que demanda analisar os recursos lexicais, gramaticais e textuais sob as lentes das reverberações da interação. Volochínov (2019 [1926]; 2013 [1930]) apresenta uma elucidativa discussão sobre a abordagem sociológica da língua, a língua na forma concreta de enunciados, que, dentre outras particularidades constitutivo-funcionais, traz que todo uso da língua é matizado pelos horizontes espacial, temporal, temático e valorativo das interações. É partir disso que a PAL/S se sustenta: não como um estudo da língua no vazio, engessado à forma ou petrificado no/ao/para o sistema, mas é um estudo da língua em seu funcionamento real, concreto sob as reminiscências da situação social de interação. Dito isso, compreendemos que a PAL/S (i) é o estudo da língua em seu funcionamento real e concreto; (ii) é um estudo da língua sob a ordem de uma abordagem sociológica; (iii) só se sustenta como tal quando voltada a abordagens assistêmicas de estudos linguísticos; e (iv) é construir sentidos no uso da linguagem.

A *PAL/S é agenciar recursos da língua no texto*. Neste ponto, cabe ressaltarmos que tudo depende da concepção de texto com a qual trabalhamos. O conceito de texto pode ser referenciado sob diferentes panoramas, desde o mais formal, sistêmico, imanente, ao mais social, assistemático, transgressivo. Nosso olhar se dá para o que chamamos de texto-enunciado (ACOSTA PEREIRA, 2014; 2016), ou seja, uma concepção de texto que se constitui em compartilhar as feições da enunciação. Assim, entendemos o texto como enunciado, que se forma socialmente pela alternância de sujeitos interlocutores, pela expressividade ideológico-axiológica e pela conclusibilidade. Além disso, sob esse panorama, os recursos da língua são agenciados pelas balizas do estilo, ou como Bakhtin (2013 [1945-1949]) denomina de “elucidação estilística”. Todo recurso da língua (lexical, gramatical, textual) responde enunciativo-discursivamente à uma elucidação estilística, a um estilo discursivo, a um estilo de gênero: onde há estilo, há gênero (BAKHTIN, 2003 [1979]). Dessa questão, cabe reiterarmos que a PAL/S (i) trabalha com recursos linguísticos agenciados no texto-enunciado; (ii) trabalha com recursos linguísticos sob as lentes sociológicas do estilo de gêneros do discurso.

Além de todas as questões acima pontuadas, precisamos ratificar que *a PAL/S ultrapassa as questões de análise gramatical<sup>8</sup> da língua*, ou seja, realizar PAL/S não é realizar análise grama-

8 Não discutiremos as variadas concepções de gramática. Aqui estamos nos referindo às gramáticas cujo eixo fundacional seja restritamente/

tical. Em outras palavras, a PAL/S inclui o trabalho com a gramática, mas o abrange de forma crítica e entrelaçada às reverberações da interação. Assim, uma análise metalinguística (geralmente voltada às taxinomias gramaticais) se realiza em consequência da análise epilinguística (conforme discutida na seção anterior). Em adição, a PAL/S ultrapassa a análise restritamente gramatical, posto que abarca as questões da dimensão social do uso da língua. Dessa forma, quando estamos apenas voltados a aspectos gramaticais de ordem metalinguística (classificação, identificação, análises frasais, análises de períodos descontextualizados, análises de frases inventadas etc.) não estamos realizando a PAL/S. Com isso, podemos afirmar que a PAL/S (i) ultrapassa a análise exclusivamente gramatical; (ii) inclui o trabalho com a gramática, mas de forma crítica e entretida ao epilinguístico e (iii) inclui de forma fundante/nuclear a dimensão social da língua em uso.

A PAL/S é uma ideologia linguística. Por ideologia linguística, entendemos as compreensões “[...] tanto explícitas quanto implícitas que traduzem a interseção da linguagem e os seres humanos em um mundo social.” (WOOLARD, 1998, p. 03). Com isso, compreendemos que o trabalho com a PAL/S sempre ressoa uma visão de mundo em que sujeitos, como seres sociais, históricos e culturais, têm voz em agir e posicionar-se no/para/com o mundo social. Além disso, sob o mesmo panorama, o trabalho com a PAL/S orienta-se linguístico-ideologicamente por uma concepção social de língua(gem), o que faz com que as forças centrífugas da língua estejam sempre como propulsoras do trabalho de reflexão sobre os usos linguísticos. Assim, frente a abordagens imanentes, sistêmicas, formais, subjetivas, idealistas ou psicologizantes que buscam, de modo fundacional, ratificar uma visão a-histórica e abstrata de língua, o trabalho com a PAL/S: (i) reforça o sociológico, engendrado a uma ideologia linguística que se ancora numa visão de mundo transgressiva, fluida, axiológica e centrífuga e (ii) fortalece o papel do sujeito social, como um sujeito que age e se posiciona no/com/para o mundo.

Ao fim, mas não cessando o debate neste ponto, entendemos que a PAL é uma escolha política. Frente a tantos obstáculos que enfrentamos quando o assunto é ensino de LP no Brasil, acreditamos que as pesquisas e debates sobre o (não) trabalho com a gramática parece tomar muito tempo. Essa tomada de tempo exacerbada não significa que estejamos ‘andando em círculos’, mas que estamos sempre imersos a uma arena ideológica de forças de estratificação coatuantes, que ora nos conduzem a mudanças, ora nos aprisionam em estaticidades. Contudo, essas estaticidades não são ingênuas, mas carregadas de valor ideológico e, portanto, político. Advogar a favor de um trabalho essencialmente gramatical, desvinculando a língua do social, traz implicações: a-criticidade, apagamentos, distorções, obediências, centripetações, que são construtos valorativos visados por ideologias hegemônicas. Um ensino de LP voltado ao sistema e às formas, sem qualquer trabalho epilinguístico que se volte à reflexão (que por natureza é crítica e balizada no/pelo social) vem ao encontro de interesses políticos que, de forma fundante, objetivam a passividade do sujeito e sua total alienação. Dessa forma, ao lutar pela PAL/S como prática de linguagem na aula de LP é também (i) lutar pela criticidade como atividade meta-consciente (FAIRCLOUGH, 1989; FREIRE, 1970); (ii) apoiar-se na língua como forma de luta e

exclusivamente o sistema.

de resistência; (iii) reforçar a PAL/S como um trabalho de desnaturalizar posições de mundo e (iv) advogar a favor de um trabalho com a língua na escola socialmente amparado.

Nesta seção, não encerramos o que é (ou que deveria ser) a PAL/S nas aulas de LP na escola de EB. Nem temos a pretensão disso. O que objetivamos é reforçar o caráter social e, por conseguinte, ideológico-axiológico do trabalho com a PAL/S nas aulas de LP, não apenas enaltecendo e vislumbrando uma prática didático-pedagógica que fortaleça a historicidade, o cultural e a criticidade do/com o uso da língua(gem), mas que reforce e ratifique que entre o ‘trabalho com a gramática na escola’ e a ‘PAL/S’ há uma dimensão política e linguístico-ideológica que ‘diz tudo’ sobre nossa prática didático-pedagógica e sobre nossa visão de mundo.

## O que ainda precisamos (res)significar sobre a PAL/S?

Dentre várias questões que poderiam ser retomadas ou pautadas, precisamos começar com *a PAL/S está no centro da resignificação das finalidades do ensino de LP na Educação Básica*. Em resposta a um discurso da tradição, que visa, dentre outros aspectos, a manutenção de uma visão apoliticizada de ensino de língua na escola, a PAL/S se engendra a um discurso da mudança. Constituído por forças centrífugas de renovação, o discurso da mudança vem associado a resignificações em torno da concepção de linguagem e às conseqüentes abordagens teórico-metodológicas que dialogicamente (em termos bakhtinianos) respondem à concepção. Com isso, a PAL/S surge como um movimento que desestabiliza um trabalho teórico-metodológico e didático-pedagógico da tradição escolar. Em outras palavras, com a PAL/S não tem espaço (i) uma concepção de linguagem objetivista ou subjetivista; (ii) um trabalho imanente, formal, abstrato ou psicologizante da linguagem; e (iii) uma prática de análise da língua exclusivamente gramatical.

O trabalho na aula de LP se volta às práticas de linguagem (como já discutido neste artigo) e não mais a extratos da língua, um currículo circunscrito aos níveis de análise e teoria linguística – fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica. Embora ainda estejam em grande escala enraizados à tradição escolar, o ensino de LP, em especial, pós-PCN (BRASIL, 1998) tem se orientado sob o campo das práticas de uso social da língua(gem): práticas de leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística, com acréscimo à ‘semiótica’ – prática de análise linguística/semiótica – pós-BNCC (BRASIL, 2018). Dessa forma, a PAL/S está no centro das discussões em torno do discurso de mudança no ensino de LP no Brasil, lutando a favor do advento das práticas de linguagem na escola, em oposição ao que sempre se chamou/convencionou chamar, ‘a gramática na escola’.

Em um segundo plano, a PAL/S é um trabalho de reflexão sobre a língua(gem) a favor da ampliação das práticas de linguagem nas situações de interação no interior das esferas da atividade humana. Ao encontro das orientações da BNCC (BRASIL, 2018), a PAL/S se orienta e se articula ao trabalho com gêneros do discurso e às esferas da atividade humana. Os gêneros do discurso, textos-enunciados relativamente estabilizados e tipificados nas situações de interação, se constituem e funcionam no interior de diferentes esferas sociodiscursiva. São enunciados tipificados que engendram feições temático-estilístico-composicionais que, à luz das reverberações ideológico-valorativas das

esferas, relativamente estabilizam e legitimam regularidades discursivas. A PAL/S trabalha com essas regularidades. As regularidades dos gêneros do discurso podem ser mobilizadas de forma reflexiva pela PAL/S, não apenas mostrando como recursos lexicais, gramaticais e textuais estão a serviço da situação de interação, mas, sobretudo, desvelando como tais recursos são ideológicos e axiologicamente constituídos.

*A PAL/S é uma prática de ensino e de aprendizagem no interior de uma abordagem teórico-metodológica.* Como já discutimos na seção anterior, o trabalho com as práticas de linguagem sempre é ancorado e orientado por uma determinada abordagem teórico-metodológica. Assim ocorre com as práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos; não seria diferente com a PAL/S. Diferentes estudos brasileiros têm mostrado a PAL/S sendo trabalhada, em espacial, por três abordagens: os Estudos Dialógicos da Linguagem (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021b), Análise Crítica do Discurso (PINTON; STREB, 2021) e Linguística Textual (MENDONÇA, 2006), por exemplo. Sob diferentes panoramas conceituais, categóricos e metodológicos, os diferentes domínios trazem contribuições plurais. Contudo, o que precisamos frisar neste momento é que a PAL/S não aceita qualquer abordagem (como já discutimos neste artigo). Por ser uma prática de linguagem voltada à reflexão dos usos sociais da língua, somente abordagens de base sociológica podem ser mobilizadas; caso contrário, uma PAL/S com base em teorias formais ou essencialmente cognitivas seriam uma contradição. A partir disso, a PAL/S é uma prática de linguagem, uma unidade básica de ensino e de aprendizagem necessariamente ligada a abordagens sociológicas de estudo da linguagem.

Ainda, *a PAL/S e gramática não são intercambiáveis porque têm objetivos e focos diferentes.* Parece que estamos repetindo essa questão a todo momento no artigo. Estamos. E é intencional, posto que ainda há grande incompreensão sobre a relação entre PAL/S e gramática. A PAL/S extrapola a gramática, quando integra ao trabalho os aspectos enunciativo-discursivos da interação. É o social que faz toda a diferença. PAL/S, como muitos já disseram, não é uma nova roupagem para a ‘gramática na escola’. Embora a gramática esteja presente na PAL/S, ela é um trabalho conjunto entre atividades epilinguísticas e metalinguísticas, de forma que as últimas somente ocorrem, nas aulas de LP, em consequência das primeiras. Por conseguinte, a gramática passa a ser trabalhada como um construto das ‘repetibilidades’ frente aos aspectos enunciativo-discursivos das ‘regularidades’. A gramática é o meio e não o fim.

Além de todas as questões pontuadas, sabemos que *o conceito de PAL é escorregadio.* Há muitas acepções para o termo ‘análise linguística’ no campo de estudos linguísticos brasileiros. O termo ‘análise linguística’ pode se referir a um campo de pesquisas, a um exercício de identificação e classificação de termos da língua, a uma abordagem de estudo linguístico sob diferentes panoramas teórico-metodológico. A cunhagem fundante vem do texto de Geraldi (1984), mas, mesmo há época, o termo já apresentava essas e outras acepções. De qualquer forma, sugerimos o uso da palavra ‘prática’ antecedente à ‘análise linguística’, a fim de que possamos, mesmo que de modo incipiente, particularizar o termo como uma das ‘práticas de linguagem’. Além disso, ao acrescentarmos ‘semiótica’ à expressão, resultando em ‘prática de análise linguística/semiótica’ (PAL/S), consequentemente já estamos nos referindo a um trabalho voltado a uma concepção so-

cial de linguagem, com referência a BNCC (BRASIL, 2018), mesmo que, no próprio documento, ainda haja discursos da tradição em volta das orientações sobre PAL/S (SANTOS-CLERISI, 2020).

Ao fim, a PAL/S não é ‘análise linguística’ da esfera acadêmica. Em outras palavras, não é uma atividade teórico-metodológica de analisar os extratos da língua. Para deixar mais claro: não é levar as bases estruturalistas ou gerativistas para analisar com alunos do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio questões em torno da estrutura da língua. É (seria) um absurdo, depois de todas as pesquisas brasileiras em Linguística Aplicada nos últimos 40 anos encontrar publicações de documentos político-educacionais, debatendo, explicando e apresentando propostas totalmente contrárias (e mostrando cientificamente que são inválidas e antiéticas). Mas não só por isso, tornar a escola um ‘laboratório’ e, por conseguinte, a sala de aula um ‘espaço experimental’ é outro absurdo. Assim, evitemos os absurdos e, em adição, refutemos a categorização, a classificação e a análise essencialmente formais como caminho de trabalho em sala. A PAL/S não é transposição didática de teoria linguística.

## Considerações finais

As reflexões teórico-metodológicas que desenvolvemos neste texto sustentaram-se no propósito de apresentar um debate sobre o que é ou o que (não) deveria ser a PAL/S no contexto da aula de LP na EB, porém, conforme dito inicialmente, sem modelizar ou prescrever procedimentos para o trabalho com a PAL/S.

Trata-se de reflexões sustentadas axiologicamente nos Estudos Dialógicos da Linguagem, a partir das quais foi nossa intenção suscitar/provocar debates/contrapalavras em torno de (des)encontros sobre a PAL/S como prática de linguagem na aula de LP na escola de EB brasileira. Compartilhando da compreensão bakhtiniana de que as palavras não são neutras; ao contrário, estão sempre “carregadas de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 95), estamos cientes de que nossas palavras, selecionadas para a constituição desse texto-enunciado, também não são neutras. Todavia, como reagimos somente àquelas que, de alguma forma, se dirigem a nós, despertam nosso interesse, chamam nossa atenção devido às suas ressonâncias ideológicas e valorativas, esperamos que elas provoquem reações diversas, mobilizando (re)significações, mudanças, enriquecimentos. E, para além disso, provoquem a produção de outros texto-enunciados, impregnados de tons valorativos, como contrapalavras a este texto.

Por ora, a posição axiológica-valorativa que assumimos e defendemos por meio de nosso discurso é de que a PAL/S é uma prática de linguagem voltada à ampliação e à reflexão dos usos sociais da língua (gem) na escola. A PAL/S está balizada pelo ‘discurso da mudança’ e por uma nova abordagem didático-pedagógica – uma abordagem sociológica. Essa nova concepção de ensino toma como central os sujeitos que chegam à escola e suas práticas de linguagem, deslocando o objeto de ensino sobre a língua para o ensino da língua em seus contextos de uso, mediado pela reflexão sobre a língua, a partir de uma concepção interacionista da linguagem e do sujeito (GERALDI, 1991).

*O texto é tomado como unidade de ensino (a depender do conceito de texto) na PAL/S. O texto-enunciado e suas formas típicas, os gêneros do discurso como articuladores das práticas de linguagem conduzem as reflexões com/sobre/da linguagem. É a reafirmação do que Britto (1997) propôs como uma “abordagem operacional e reflexiva” voltada ao trabalho com a leitura, oralidade e produção de textos (no eixo do operacional) e a análise linguística (no eixo da reflexão), revozeada nos PCN (BRASIL, 1998) como a articulação entre “uso e reflexão”.*

*E, por fim, a PAL/S mobiliza e potencializa a mudança da finalidade/objetivo para o trabalho de reflexão sobre a língua a favor do ensino da língua. Um trabalho com a língua voltado aos seus usos sociais demonstra que a PAL/S e a gramática não são conceitos equivalentes: embora a PAL contemple a gramática, ela a desloca para outro posto de observação na escola, como reflexão sobre a língua a favor da aprendizagem dos usos da linguagem.*

## Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. Contribuições dos estudos sobre gêneros do discurso para a análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 5, n. 2, p. 21-41, 2011.

ACOSTA-PEREIRA, R. A prática de análise linguística mediada por gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. **Letrônica**, v. 06, p. 494-520, 2013.

ACOSTA PEREIRA, R. A análise de textos-enunciados como prática precedente à elaboração didática. **Intersecções** (Jundiaí), v. 07, p. 04-23, 2014.

ACOSTA-PEREIRA, R. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letra Magna**, v. 12, n. 19, 2016.

ACOSTA PEREIRA, R. A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **Revlet- Revista Virtual de Letras**, v. 10, p. 182-200, 2018.

ACOSTA PEREIRA, R.; PINTO, E. C. da S. A prática de análise linguística sob a perspectiva dialógica: encaminhamentos teórico-metodológicos para o professor de língua portuguesa. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. (org.). Práticas de linguagem na esfera escolar. São Carlos -SP: Pedro & João Editores, 2018. p. 103-126

ACOSTA PEREIRA, R.; SANTOS-CLERISI, G. D. Pesquisas no Brasil sobre a prática de análise linguística de base dialógica. **Linguas & Letras**, Cascavel, vol. 21, n. 49, p. 155-174, 2020.

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HUBES, T. C. Práticas de linguagem na escola sob uma perspectiva dialógica. In.: BELOTI, A.; POLATO, A. M.; BRITO, P. A. P. **Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis**. Campo Mourão - PR: Editora Fecilcam, 2021a. p. 08-27.

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HUBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021b. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#respond>

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. Práticas de linguagem em aulas de língua portuguesa na educação básica: leitura e análise linguística. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021c.p. 385-418

ACOSTA PEREIRA, R.; RAUPP, E. A Prática de análise linguística nos cursos de licenciatura em Letras: um olhar para a formação inicial. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 22. No. 5. 2022 [No prelo].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, M. **Questões de Estilística no Ensino de Língua**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1945-1949].

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Formoni Bernardini *et al.* 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília: MEC; SEB, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

COSTA-HÜBES, T. C. Prática de Análise Linguística no Ensino Fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, v. 7, n. 14, p. 270-294, 2017.

DORETTO, S. A. **O Ensino de Análise Linguística e os Professores em Formação Inicial**: a relação teoria-prática. 2014. 145p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, 2014.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.

FENILLI, L. M. F. **Trilhando caminhos para uma prática de análise linguística de base dialógica**: uma proposta de elaboração didática a partir do gênero tira. 2020. 159p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. V. 9, p. 5-45, 1987. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.** . Acesso em: 15 nov. 2021.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**: leitura e produção. 1. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. Unidades Básicas do Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: ASSOESTE, 1984a. p. 49-69.

GERALDI, J. W. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: ASSOESTE, 1984b. p. 41-48.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

GERALDI, J. W. Por que práticas de produção de textos, de leitura e de análise linguística? In: SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A.; MORTATTI, M. do R. L. **O texto na sala de aula**: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa. Campinas/SP: Autores Associados, 2014. p. 207-222.

HALTÉ, J.- F. O espaço didático e a transposição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, p. 117-139, jul./dez. 2008 [1998].

KRAEMER, M. A. D.; COSTA-HÜBES, T. C. Práticas de análise linguística na BNCC: heterogeneidade constitutiva e marcada no discurso. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.p. 281-324.



LUNARDELLI, M. G. Três Gotas De Poesia: A prática de análise linguística em uma proposta didática com o gênero Haicai Brasileiro Infantil. In.: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.p. 483-520.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 199-226.

OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Proposta teórico-metodológica de análise linguística em perspectiva dialógica ao trabalho com o pronome. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 419-452.

PINTON, F. M.; STREB, J. Prática de Análise Linguística em Atividades didáticas produzidas por professores de língua portuguesa em formação inicial: Uma Proposta de Categorização da Natureza e Funcionalidade. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 208, 2021.

POLATO, A. D. M. **Análise Linguística**: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In: BARROS, E. M. D. de; STRIQUER, M. dos S. D.; STORTO, L. J. (Orgs.). **Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2018. p. 43-69.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, N. Concepções de análise linguística na formação inicial de professor de língua portuguesa. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 827-843, jul./set. 2015.

RODRIGUES, R. H; ACOSTA PEREIRA, R. Os gêneros do discurso como elementos integradores para/ nas aulas de leitura, escuta, produção textual e análise linguística: subsídios teórico-metodológicos. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HUBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021. p. 157-182.

RODRIGUES, R. H; A prática de análise linguística: emergência, reenunciações, abrangência e produtividade do conceito. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HUBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021. p. 73-106.

ROSA, D. C. da. **O ensino da produção textual escrita na formação inicial do professor de Língua Portuguesa:** das bases teórico-metodológicas às ações em sala de aula. 2019. 320p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2019.

SANTOS-CLERISI, G. D. dos. **A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa:** por uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica. 2017. 142p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Catarina – UFSC, Florianópolis, 2017.

SANTOS-CLERISI, G. D. dos. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC:** em torno do objeto discursivo prática de análise linguística/semiótica. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2020.

SEGANFREDO, E. Concursos Públicos como agentes do normativismo e de uma política linguística no Brasil. **Calidoscópico**, Vol. 4, n. 1, p. 27-38, jan/abr 2006.

SOUZA, T. F. B. **Concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos na formação inicial do professor de Língua Portuguesa:** um estudo de cursos de licenciatura em Letras. 2018. (220 f.). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2018.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: GERALDI, J. W. (Org.). **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925-1930], p. 157-188.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929-1930].

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

WOOLARD, K. A. Introduction. Language Ideology as a field of inquiry. IN: SCHIEFFLIN, B. B; WOOLARD, K. A; KROSKRITY, V. (Orgs.) **Language Ideologies**. Practice and Theory. New York: Oxford University Press, 1998.